

ATIVIDADES SOCIOEDUCATIVAS COMO FORMA DE EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS NA COMUNIDADE ESTRADA VELHA EM ACARAPE - CE.

Isadora Enéas Maia

RESUMO

O presente capítulo visa abordar a atuação nas atividades de socioeducação desenvolvidas pela reaPODERE (Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas Discriminações e Resistências), na comunidade Estrada Velha em Acarape - CE através de relatos de experiência e análises teóricas. A realização das oficinas é uma forma de buscar o fortalecimento das potencialidades encontradas nas crianças e adolescentes, através de um viés de empoderamento individual e coletivo, a partir das diversas dimensões da vida social. Portanto, este capítulo objetiva elucidar o papel da extensão universitária no estímulo do protagonismo de crianças e adolescentes em situação de pobreza, direcionando para a compreensão das possibilidades na promoção da participação social e aumento da autonomia e da liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Socioeducação; Empoderamento; Protagonismo; Extensão Universitária;

INTRODUÇÃO

A reaPODERE, Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas Discriminações e Resistências, constitui-se em um viés de ensino crítico, pesquisa e extensão participativas, vinculada à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. A rede é composta por membros da graduação e pós-graduação e teve suas atividades iniciadas em 2016, baseada em uma perspectiva interdisciplinar de atuação. A extensão universitária ocorre na comunidade Estrada Velha, localizada no município de Acarape - Ceará, uma região invisibilizada pelo poder público e demais segmentos da sociedade, incluindo a universidade.

O presente capítulo visa analisar teoricamente a contribuição das oficinas socioeducativas no protagonismo infantil, visto que a situação de vulnerabilidade social proporciona a fragilidade de direitos e a possível falta de perspectiva de vida e oportunidades, tornando alguns espaços uma realidade distante de ser alcançada. O viés de empoderamento trabalhado, busca proporcionar o engajamento e fortalecimento da participação social, além do reconhecimento do meio em que vivem, tendo em vista que a educação é o meio mais propício de ressignificar a realidade, partindo dos princípios decoloniais e interseccionais.

1 DILEMAS E POSSIBILIDADES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Segundo a Plano Nacional de Extensão Universitária, a extensão universitária entende-se como “um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (BRASIL, 2000/01, p. 05), dessa forma, a extensão universitária se caracteriza por ir além dos muros da universidade por meio de programas, projetos, cursos, assim como outras ações voltadas para o desenvolvimento social e cultural da comunidade.

Das abordagens de extensão universitária, a maior aproximação é com a extensão popular, visto que ela promove uma participação ativa da comunidade no processo de construção social e coletiva do conhecimento e das possibilidades de transformação. Além disso, proporciona uma relação horizontalizada entre a universidade e a comunidade, promovendo ações que visam empoderar os indivíduos, sendo assim, “a extensão popular surge como uma proposta integrativa e democrática, que busca valorizar o conhecimento popular e inseri-lo no campo frutuoso da reflexão” (BENINCÁ; CAMPOS, 2017, p. 146).

A Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências-reaPODERE, inicia suas atividades com uma proposta de extensão universitária transformadora que vá muito além da transferência de conhecimentos. Trata-se de uma abordagem mais abrangente que de fato priorize a participação coletiva da comunidade, o diálogo e a busca por transformações sociais efetivas, com um viés de fortalecimento das potencialidades que a comunidade apresenta.

Ao se pensar as formas de inserção na comunidade enquanto extensionistas da reaPODERE, é necessário distanciar-se ao máximo de uma proposta de extensão assistencialista, visto que a partir dessa perspectiva se constrói uma relação ainda mais hierárquica entre a universidade e a comunidade, onde a universidade assume um papel de detentora do conhecimento e a comunidade é vista como carente, criando barreiras opressoras que impedem completamente a possibilidade de uma transformação social. Sendo assim, acreditamos firmemente no poder da educação popular para a transformação social.

Desse modo, a extensão no âmbito da Universidade Popular precisa traduzir-se em ação a partir das demandas e saberes da sociedade articulados com o conhecimento científico construído pela universidade (BENINCÁ, 2011). Necessita colaborar com a vida da comunidade, superando o assistencialismo e/ou a mera prestação de serviços. Por meio da extensão, muitas realidades podem ser transformadas (BENINCÁ; CAMPOS, 2017, p. 152).

Entende-se que a extensão universitária deve ser uma prática dialógica em que os extensionistas e a comunidade se encontrem em um ambiente de troca mútua de saberes, experiências e reflexões. A proposta de socioeducação surge com a prática baseada em uma comunicação popular, onde os conhecimentos se constroem juntos, como situa Paulo Freire, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2001, p. 69).

Mas para além dos conceitos citados até aqui, há também a importância da interseccionalidade como perspectiva de atuação. Não há como adentrar uma comunidade em situação de pobreza e majoritariamente composta por pessoas negras, sem interseccionar gênero, raça e classe. Para isso, precisamos ir além da perspectiva freireana, pois, apesar da potência das suas obras iniciais, o oprimido era retratado de forma masculina, não com foco na oprimida (hooks, 2013), limitando a perspectiva de compreensão da realidade.

Adentrando a perspectiva dos dois autores é possível compreender que as opressões não são isoladas, mas sim interconectadas. Sendo assim, é de extrema importância compreender a importância da interseccionalidade nos mais diversos espaços da academia e principalmente na extensão universitária, pois só assim é possível desenvolver um pensamento crítico abrangente e uma compreensão mais ampla das formas de dominação que perpetuam na sociedade.

É partindo destes conceitos que surge a proposta da socioeducação desenvolvida por meio de uma construção participativa com as crianças e adolescentes da Estrada Velha. Segundo Castaman e Franceschi (2020), projetos socioeducativos têm como objetivo cooperar com a transformação da realidade social, contribuindo no relacionamento intrapessoal e interpessoal entre crianças e adolescentes com o ambiente em que convivem. Por conseguinte, Costa (2006) também situa que o desenvolvimento deve contemplar as múltiplas dimensões do ser humano:

A unidade educativa deve ser capaz de oferecer um leque, um cardápio, uma pluralidade de modalidades educativas ao educando, que lhe possibilite desenvolver sua autonomia (capacidade de decidir segundo suas crenças, valores, pontos de vista e interesses); sua solidariedade (capacidade de atuar como solução e não como problema em questões relativas ao bem comum); sua competência (desenvolvimento de competências pessoais, relacionais, produtivas e cognitivas) (COSTA, 2006, p. 67).

Com um viés de estímulo do protagonismo infantil, acredita-se firmemente no papel transformador da extensão universitária voltada para a socioeducação como forma de

atuação. Através desse viés é possível fortalecer os vínculos com as crianças e adolescentes, promovendo espaços de convivência em que se construa coletivamente o diálogo, o enfrentamento de vulnerabilidades e também a possibilidade de alternativas (CASTAMAN; FRANCESCHI, 2020).

2 ATUAÇÃO DA REAPODERE ATRAVÉS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências surge em 2016, com uma proposta de extensão universitária que consiste em uma construção participativa com a comunidade escolhida, tratando-se da Estrada Velha, localizada em Acarape - CE, a cerca de 1km do *campus* Palmares da UNILAB. A localidade tem a característica marcante de, mesmo com a grande proximidade do centro da cidade e do próprio *campus* de uma universidade pública federal, ser invisibilizada por ambos.

“Tem como foco de trabalho as implicações psicossociais da pobreza em suas perspectivas interseccionais com foco nas estigmatizações e nas potencialidades dos diversos grupos sociais que atua” (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018, p. 435).

A aproximação com a comunidade surgiu da intenção de levar a universidade para além dos muros, ocupando diversos espaços, inclusive os espaços periféricos e invisibilizados.

A inserção na comunidade é um processo lento e cauteloso, são corpos desconhecidos imergindo em um novo local e isso requer cuidado e respeito com o tempo dos moradores para adaptação. Dessa forma, um grupo de extensionistas iniciou o processo que é considerado o mais importante até aqui, a aproximação com a comunidade. Inicialmente havia dois públicos-alvo prioritários para as ações da extensão: as mulheres e as crianças, porém, diante das percepções dos extensionistas, ficou ainda mais evidente o impacto da pobreza na infância, determinando assim o início das atividades da reaPODERE. “Portanto, o papel da extensão desenvolvida na reaPODERE é fortalecer a comunidade e os processos de resistência desenvolvidos por indivíduos em contextos de privação.” (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018, p. 435).

Essa aproximação proporcionou o entendimento acerca do impacto da pobreza no desenvolvimento das crianças e as suas formas de resistência e enfrentamento ao sistema imposto em suas vidas desde o nascimento. Como proposta de fortalecimento, após o processo de inserção, a reaPODERE e seus extensionistas, iniciaram as atividades socioeducativas com um público de crianças e adolescentes, entre um (1) ano a 15 anos de

idade, em média. A socioeducação é um importante instrumento de intervenção para uma sociedade mais justa e igualitária, através do pensamento crítico e percepção de mundo. “Paulo Freire busca trazer a conscientização de educadores à medida que tenta dar à educação um caráter emancipatório como instrumento de libertação da consciência e da necessidade de atuação do homem na sua própria existência” (PADILHA *et al.*, 2019, p. 65).

Desse modo, a reaPODERE constrói por meio da extensão universitária, uma espécie de fortalecimento dos movimentos de resistência já existentes na comunidade através da socioeducação. As oficinas possuem um papel importante no desenvolvimento de ações pensadas coletivamente, assim, a extensão universitária possibilita o engajamento na vida social da comunidade. “Ao se deparar com a realidade multifacetada, urgem as oportunidades de intervenção e trabalho educativo da extensão como prática para a transformação social” (SUGAHARA, 2012, p.165).

As atividades voltadas para a extensão na Estrada Velha, iniciaram em 2018 com o objetivo de fortalecer vínculos, trabalhar o lúdico, estimular o protagonismo, além de potencializar as relações de cooperação entre as crianças. Outro ponto importante da proposta inicial das oficinas foi o incentivo à frequência escolar, visto que a educação informal que consiste em ONGs, projetos sociais, e extensões universitárias de acordo com Gohn (2009), caminha junto com a educação formal, que se destaca pela normalização no espaço escolar, a qual necessita de um currículo e de certos padrões. Portanto, a socioeducação possui um papel essencial no desenvolvimento escolar das crianças e dos adolescentes através das práticas de emancipação e olhares críticos sobre a realidade vivenciada.

Analisar a atuação da extensão universitária na comunidade Estrada Velha através das vivências, possibilita um olhar ainda mais concreto do impacto das atividades na vida das crianças e adolescentes, visto que o fortalecimento de vínculos e os laços afetivos são constantemente (rea)firmados. Sendo assim, tendo a vivência como categoria de análise, é possível abranger diversos outros aspectos, já que a vivência é sempre vivência de algo. Assim, “vivenciar é participar de uma realidade impactante” (TOASSA; SOUZA, 2010, p. 762), partilhando com as crianças e adolescentes de momentos marcantes que comprovaram a efetividade (e afetividade) das nossas ações enquanto extensionistas.

Os primeiros desafios vivenciados foram a disparidade de idades que proporciona uma certa dificuldade de trabalhar atividades que contemplem todos os participantes, além da ausência de um espaço adequado para a realização das atividades e de recursos materiais. São inúmeros os desafios encontrados pela extensão, todavia, acreditamos na potência dela como

uma grande ferramenta contra as assimetrias e iniquidades sociais que assolam as infâncias em situação de vulnerabilidade social.

Junto às atividades realizadas semanalmente na comunidade, buscamos proporcionar oficinas no *campus* dos Palmares, na UNILAB, viabilizando a presença das crianças nos diversos espaços da universidade que também pertencem a elas. Atividades em alusão ao dia das crianças, *tour* pelo *campus*, apresentações artísticas, cinema e visitas aos laboratórios foram atividades já realizadas ao longo do nosso período de vínculo com a Estrada Velha. É um compromisso nosso, enquanto extensão universitária, viabilizar esta aproximação entre os moradores da comunidade e a universidade, despertando também o sentimento de pertencimento, pois é possível estar ali.

Na reaPODERE, as intervenções estão para além dos muros da Unilab, criando uma ponte entre universidade e comunidade, nesse ir e vir de corpos e suas ações diante do inesperado como forma de identificar resistências, potencialidades e desafios na intervenção comunitária em um contexto ruralizado e atravessado por violências (COSTA; TEMOTEO; MOURA JR, 2020, p. 209).

Paralelamente, contribuímos com festividades em alusão às datas comemorativas celebradas pela comunidade como o São João, Dia das Crianças e Natal, com um viés de fortalecimento. Além disso, com os relatos da comunidade, observamos as necessidades de demandas que podemos viabilizar como ações em parceria com estudantes da enfermagem e profissionais da saúde do município de Acarape, levando um “Dia D” de serviços de saúde para os moradores, grupos artístico-culturais proporcionando apresentações com a música, a ciranda de Paulo Freire, grupo de mulheres possibilitando uma oficina de tranças e paralelamente, bem como a busca pela colaboração dos serviços públicos através da Secretaria de Assistência Social do município.

É desta forma que tem se estruturado as ações da reaPODERE nos últimos anos de atuação. A extensão foi se construindo a partir do entendimento que a pobreza não se caracteriza apenas pela ausência de renda e bens materiais, mas também pela falta de oportunidades, direitos negados e um sistema opressor e excludente de dominação. “Pensar que pobre é aquele que não possui renda para consumir é uma simplificação que esconde a realidade de limitação de realização emocional e pessoal, que vai além da mera insuficiência de renda.” (SOUZA, 2013, p. 20). Esta é uma realidade que consterna ainda mais a infância, proporcionando danos irreversíveis na formação das crianças. Nosso papel enquanto extensão é viabilizar oportunidades, fortalecer as potencialidades e incentivar cada vez mais as relações cooperativas, pois a extensão é símbolo de resistência contras essas assimetrias sociais que assolam as crianças (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018).

3 A SOCIOEDUCAÇÃO COMO FORMA DE EMPODERAMENTO NA INFÂNCIA

Entendendo que a extensão se estrutura através de uma construção participativa com a comunidade, a socioeducação não seria diferente. O desenvolvimento das atividades se dá a partir das particularidades do território, pois não há como vislumbrar uma proposta de fortalecimento sem a compreensão e a escuta dos desejos, sonhos e também os anseios das crianças. É necessário inseri-las em um contexto que se sintam seguras para partilhar essas vivências e experiências e o extensionista precisa estar na posição de escuta e compreensão.

As crianças têm voz, individual e coletivamente, pelas quais expressam seus interesses, sendo necessário para isso que estejamos inclinadas à ouvi-las e considerarmos o que expressam na construção de ações que serão sentidas por elas e por nós (DANAE; SODRÉ, 2020, p.326).

Desenvolver oficinas baseadas no desejo das crianças tem sido um dos nossos pilares enquanto extensão na Estrada Velha. A cada novo semestre, realizamos um momento de escuta, a fim de compreender quais as expectativas para as próximas atividades, entendendo que esse processo de construção coletiva do plano de oficinas é essencial para a transformação social que vislumbramos por meio do protagonismo. A extensão é uma construção coletiva e para realizá-la de forma horizontalizada é essencial uma sensibilidade e atenção por parte dos extensionistas para com as crianças, visto que é necessário considerar suas vivências e interesses. Como ressaltam Danae e Sodré (2020),

“Entendemos também que tecer as propostas com as crianças também faz parte do processo de descoloniza o da educa o e das infâncias. É um caminho, uma estratégia para a mudança epistemológica. As crianças, com suas vivências e experiências sociais e culturais, ensinam diariamente o quanto   essencial ter o olhar sensível e a escuta atenta” (DANAE; SODRÉ, 2020, p.328).

O estímulo   um fator essencial para essa proposta de fortalecimento, pois a partir do convívio durante as atividades, por exemplo, se   notado a aptidão da criança pela música, pela dança ou pelo desenho, entre outros aspectos, buscamos atividades voltadas tal habilidade, pois como afirma Danae e Sodré (2020), com mais intera o, brincadeiras e oportunidades de escolhas, as crianças exercem seus direitos de participar de ambientes estimuladores. Além disso, no decorrer das atividades buscamos instigar o “porquê” e o “para que” da oficina, exercitando o conhecimento obtido e como aquelas práticas se entrelaçam com a realidade e o cotidiano.

É necessário partir sempre de uma perspectiva decolonial na realiza o das nossas a oes enquanto extensão, devido às assimetrias sociais vivenciadas pela comunidade. Lidamos com crianças que vivem em um estado de priva o de liberdade nos diversos  mbitos da vida, como na saúde, educa o, moradia, segurança, cultura, lazer, entre outros (SEN, 2000). Isso se d  em fun o de diversos fatores como a ausência de políticas públicas,

falta de oportunidades, sistema exploratório, insegurança alimentar, invisibilização do poder público e as mais diversas formas de violência do estado, que se assemelha ao apagamento e silenciamento herdados dos traços colonialistas que perduram até a atualidade.

Buscamos desenvolver oficinas de forma horizontalizada, visando a promoção do protagonismo infantil, além do rompimento de práticas coloniais que acabam estabelecendo relações pautadas em hierarquias, que não se estruturam no bem coletivo e no sentido de cooperação que visamos. Além de nos atentarmos sempre aos aspectos abordados por Costa, Temoteo e Moura Jr. (2020):

[...] produção das desigualdades, dos silenciamentos, dos apagamentos subjetivos nos levam a construir olhares que considerem diferentes planos dessas sujeições e exclusões (interseccionalizando) e, concomitantemente, a compor com as crianças em seus contextos como atitude ética de decolonializar nossas práticas (COSTA; TEMOTEO; MOURA JR, 2020, p. 208).

Como todo processo de extensão universitária, contamos com alguns obstáculos pelo caminho. Para a realização das oficinas, nos deparamos como a disparidade de idades e a ausência de um espaço mais adequado para recebê-los, apesar de toda a preocupação de uma moradora e também mãe de algumas crianças participantes, que não exita em ceder o espaço de sua casa para a realização das atividades, que calorosamente nos recebe em sua casa semanalmente. Outro fator marcante é o turno escolar, pois algumas crianças estudam pela manhã, enquanto outras pela tarde, isso nos demandou preparar as atividades nos dois turnos, contemplando todas as crianças participantes.

Debatendo temas como a interseccionalidade de raça, etnia, identidade, gênero, classe, diversidade e território, conseguimos estabelecer diálogos com as crianças através de atividades lúdicas e exercícios que fazem refletir. Buscamos sempre promover uma relação entre as temáticas trabalhadas e o cotidiano, visto que é a partir daí que podemos instigar o pensamento crítico já na infância, criando um ambiente confortável e de confiança para a partilha de vivências, muitas vezes de forma coletiva. “Buscamos trabalhar princípios de pertencimento e comunidade, valores sociais e culturais baseados no respeito que possibilitam a quebra de estigmas e preconceitos pela situação de pobreza a qual vivem” (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018, p. 439).

Portanto, buscamos nesse processo de ações coletivas com a comunidade, fortalecer as potencialidades e desenvolver um pensamento crítico, essencial para criar possibilidades e capacidade de transformação, além de quebrar paradigmas de um sistema que promove negligências, violências e exclusões. É partindo sempre de uma perspectiva freiriana que visamos intervenções comunitárias não de imposições, mas sim de fortalecimento, “Respeito

à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 58).

4 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA A PARTIR DE UM VIÉS INTERSECCIONAL E DECOLONIAL

A proposta de extensão universitária da reaPODERE por meio das atividades socioeducativas tem como pilar a decolonialidade e a interseccionalidade, visto que, as infâncias racializadas e em situação de pobreza, vivenciam uma realidade repleta de desigualdades e possuem o assinalamento da colonialidade e do descaso com as vidas ceifadas pelas diversas formas de violência. Portanto, visamos a viabilização de oficinas lúdicas e demais atividades, que são utilizadas como instrumentos para mudanças sociais e culturais, com foco no desenvolvimento das crianças da Estrada Velha.

Considerar as histórias brasileiras e a produção das desigualdades, dos silenciamentos, dos apagamentos subjetivos nos levam a construir olhares que considerem diferentes planos dessas sujeições e exclusões (interseccionalizando) e, concomitantemente, a compor com as crianças em seus contextos como atitude ética de decolonializar nossas práticas. (COSTA; TEMOTEO; MOURA JR, 2020, p. 208).

Desde muito cedo, as crianças vivenciam uma realidade marcada por negligências, resultante de uma construção social oriunda da colonização, que ceifa vidas e estruturou a sociedade brasileira da forma desigual que é até hoje. Após a abolição da escravatura, o país não ofereceu qualquer assistência para as condições básicas de sobrevivência dos recém-libertos, que se concentraram em regiões menos civilizadas, de pouco ou nenhum progresso ou oportunidades (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015). Sendo assim, ao longo de tantos anos, ainda é necessário o fortalecimento e reivindicação de políticas públicas que efetivamente assegurem direitos básicos para população negra, a saber: moradia, alimentação, saúde, educação, saneamento básico, etc.

Diante disso, sem oportunidades, direitos e perspectiva de vida, os ex-escravizados passaram a seguir o padrão colonial de exercer funções da “mão de obra barata”, já que nas condições que foram deixados sem nenhuma espécie de reparação, não haviam oportunidades de ascensão social, ocupando assim espaços habitacionais de aglomerações segregadas e insalubres, formando então o que conhecemos hoje como a periferia. Essa divisão social vem de uma construção de desigualdades proveniente do processo de estruturação institucional que vai atravessando a história do país (BENTO, 2020).

Pouco se fala acerca de regiões periféricas interioranas, que possuem acentuada desigualdade socioeconômica e política tanto quanto as zonas urbanas, visto que o marcador

social “interior”, produz ainda mais estigmas. Há ainda um grande agravante, atravessado pela herança do pensamento social brasileiro, de que pobreza, raça e periferia são sinônimos de criminalidade (COSTA; TEMOTEO; MOURA JR, 2020). Trata-se de um fator que afeta até mesmo crianças e adolescentes que ao invés de possuírem seus direitos assegurados, estão sendo marginalizados por parte da sociedade e da invisibilização do poder público local.

Essa construção social ocasiona impactos gigantescos e muitas vezes irreversíveis na infância, pois, as formas de violências raciais são inúmeras nos mais diversos espaços como a escola, hospitais, repartições públicas e até mesmo na rua. O racismo deixa marcas difíceis de apagar, principalmente na vida de crianças e adolescentes. Ambientes de convivência como o escolar, se tornam segregados e hierarquizados apesar da realidade de se tratar de escolas públicas, pois a Estrada Velha é uma comunidade estigmatizada por parte da população acarapense. “Se encontra a margem do centro urbano e é marcada por crescentes casos de violência e criminalidade, assinalando estigmas e estereótipos que se configura em forma de preconceito e discriminação aos residentes” (SILVA, 2019, p. 4).

A interseccionalidade também é essencial para as discussões nas atividades, pois não há como pensar uma proposta de transformação social sem interseccionar raça, gênero e território, refletindo sobre o lugar de meninas e mulheres negras na sociedade. As mulheres da Estrada Velha carregam a particularidade de habitar não só um espaço periférico mas também interiorano. Mulheres racializadas e interioranas tendem a sofrer ainda mais os estigmas presentes na sociedade. “Relações de dominação de gênero, raça, classe, origem, entre outras, guardam muita similaridade na forma como são construídas e perpetuadas através de pactos, quase sempre não explicitados” (BENTO, 2022). Sendo assim, temos um olhar cuidadoso com as meninas da comunidade, entendendo todas essas particularidades.

A extensão chega como um instrumento de ação ligada à comunidade, com um viés de fortalecimento que buscamos realizar. Ao adentrar no contexto social, histórico, e entender as relações comunitárias, buscamos elaborar o planejamento de intervenção, que leve em consideração os limites e chances para a transformação social (MACIEL, 2015). É essencial estarmos sempre repensando nossa atuação enquanto extensão universitária, pois a nossa proposta é dialogar com a comunidade sempre de forma horizontalizada, onde tentamos construir um espaço de vozes ativas sem opressões silenciosas, mas de reconhecimentos dos lugares e das trajetórias periféricas (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018). Isso reflete diretamente nas relações com os moradores, sejam as crianças ou os adultos.

Com isso, pretendemos que as ações desenvolvidas na extensão sejam também um espaço de fortalecimento dos movimentos de resistência já desenvolvidos na comunidade. Nessa perspectiva, devemos constantemente nos questionar sobre nosso

lugar de atuação da extensão universitária para não reproduzir novas práticas de opressão, porque, tendo a perspectiva interseccional e decolonial como base, as questões de geração, classe, gênero e raça devem ser sempre refletidas na nossa forma de atuar (MOURA JR; LIMA; FERREIRA, 2018, pág. 446).

Ter como pilar uma educação decolonial e emancipadora para a realização das atividades na Estrada Velha, vem com uma proposta de desenvolver ainda na infância, um pensamento crítico, entendendo essa estruturação da sociedade, buscando a compreensão desse extenso processo, que gera condições de privilégios e subalternidade distribuídos nas esferas políticas, econômicas e relacionais (CRUZ; BARRADAS; SAMPAIO, 2021). Além disso, praticar uma educação popular a partir de uma perspectiva freiriana, também é uma marca da extensão da reaPODERE. Enquanto extensionistas acreditamos firmemente na importância de valorizar os saberes locais e buscar de alguma forma, potencializá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Totalizando mais de seis anos de extensão universitária pela reaPODERE, permeia um sentimento de que estamos no caminho certo. São inúmeras as dificuldades enfrentadas, mas já é possível notar frutos das atividades socioeducativas sendo colhidos através do olhar mais crítico das crianças e dos adolescentes, do reconhecimento, da aproximação com a universidade dialogando com a proposta de que futuramente esses espaços serem ocupados por elas, do fortalecimento de práticas culturais como a dança, as movimentações e as tradicionais festividades locais, mas principalmente através do firme vínculo que têm sido firmado com a comunidade.

Hoje somos reconhecidos como “de casa” devido um laço de confiança verdadeiro que foi construído por muitas mãos daqueles que pela reaPODERE passaram. Construir uma extensão universitária com a proposta que tecemos não é tarefa fácil, mas ver as pequenas transformações sociais acontecendo é um combustível para seguirmos firmes em busca de viabilizar atividades socioeducativas com base em uma educação emancipadora. Há um longo caminho a ser percorrido pela frente, são muitas as ações que ainda serão desenvolvidas, contudo é sempre válido reconhecer as potencialidades desenvolvidas até aqui.

REFERÊNCIAS

- BENINCÁ, D.; CAMPOS, F. S. **Extensão popular: uma proposta transformadora para a educação superior**. Dialogia, São Paulo, n. 27, p. 145-156, 2017.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude** / 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022. isbn 978-65-5921-232-3. 1.
- BRASIL, **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Disponível em: http://www.prae.ufrpe.br/sites/prae.ufrpe.br/files/pnextensao_1.pdf. Acesso em: 30 de junho de 2023.
- CASTAMAN, A.; FRANCESCHI MACHADO, A. **Um projeto socioeducativo com crianças e jovens do Lar da Menina**. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 11, n. 2, p. 125-134, 2020.
- COSTA, A. C. G. (2006). **Por uma política de execução das medidas socioeducativas: Conceitos e Princípios norteadores**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- COSTA, E. A. G; TEMOTEO, F. R. O; MOURA JR, J. F; PEREIRA, J. P. B; NUNES, P. A. **Resistência de Crianças e territórios periféricos cearenses**. Agenda Social, vol. 14, n.2, p. 204 – 225, 2020.
- DA CRUZ, T., BARRADAS, J., & SAMPAIO, E. (2021). **Infâncias negras de uma comunidade periférica e os significados de ocupar-se do projeto social**. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO, 5(4), 502-519. doi: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto40821>.
- DANAE FERREIRA NUNES, Míghian; SODRÉ DOS SANTOS, Patrícia. **As crianças pequenas da Mangueira (RJ): corporeidade, território e a educação para as relações raciais desde a Educação Infantil**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. 33, p. 319-336, ago. 2020. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1015>>. Acesso em: 22 de abril de 2023.
- DE OLIVEIRA, R. J., & OLIVEIRA, R. M. (2015). **Origens da segregação racial no Brasil**. AmérLatinHist et Mémo, LesCahiers ALHIM (En línea). 29 (1). Disponível em: <http://journals.openedition.org/alhim/5191>. Acesso em: 28 de abril de 2023.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOHN, M. G.. **Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social**. Revista Meta: Avaliação, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 28-43, june 2009. ISSN 2175-2753.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MACIEL, W. L. S. (2015) **Projetos Sociais.** Palhoça: UnisulVirtual; 2015. ISBN: 978-85-7817-875-8.

MOURA JR, J. F. ; LIMA, A. A. S. ; FERREIRA, F. G. S. **Infâncias em situação de pobreza: relatos de experiências interseccionais da extensão universitária na Estrada Velha-Acarape/CE.** In: Geranilde Costa e Silva; Evaldo Ribeiro Oliveira. (Org.). Experiências em ensino, pesquisa e extensão na UNILAB: caminhos e perspectivas. 1ed. Fortaleza: Imprence, p. 434-448, 2018.

PADILHA, P. R. ; ABREU, J; GADOTTI, M; ANTUNES, A. B. (Org.) **50 olhares sobre os 50 anos da Pedagogia do Oprimido.** Instituto Paulo Freire, São Paulo, 2019.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Antonio Micael Pontes Da et al.. **Vivências de uma intervenção social: traçando caminhos de potencialização e valorização de mulheres na comunidade Estrada Velha, Acarape - Ceará.** Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/62994>>. Acesso em: 27 de abril de 2023.

SOUZA, L. P. de. **Políticas sociais: a análise da eficácia do programa bolsa família para a redução dos índices de pobreza no período do governo Lula.**

SUGAHARA, C. R. **A Extensão Universitária Como Ação Socioeducativa.** Revista Conexão: UEPG, v. 8, n. 2, pp. 167-169, julho - dezembro. 2012.

TOASSA, G.; SOUZA, M. P. R. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicologia USP**, v. 21, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/bPxr5fZsGdMtYv9XtNHTGdP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2023.